

SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA DA MULHER*

MARIA HELENA VILAS-BOAS E ALVIM

(Universidade Portucalense - Porto)

As notas que ora publicamos surgiram da leitura de algumas obras dedicadas à mulher portuguesa e dadas a público entre os séculos XVI e XVIII. Pretendemos, através delas, sondar alguns aspectos do pensamento então existente em relação à mulher, tema que sempre nos interessou e sobre o qual tão pouco se sabe.

Acreditamos ser função do historiador pôr questões, problematizar, mexer e remexer o tecido histórico, à maneira de um António Sérgio, por exemplo, não para julgar, mas numa atitude muito mais necessária e fecunda — a de tentar compreender, conforme recomenda esse incansável inquiridor do "fenômeno humano" que é Lucien Febvre.

Nesse espírito de indagação permanente e na certeza da nossa limitada capacidade, deitamos mãos à obra.

Dos vários obstáculos que se nos depararam, um consideramos intransponível e limitativo de uma visão mais equilibrada do conjunto: as obras que conhecemos acerca do assunto são todas da autoria de homens, o que, se não significa impossibilidade de apreciação justa, implica impossibilidade de apreensão de uma mentalidade global.

Por outro lado, face à bibliografia compilada, depararam-se-nos duas realidades: um grupo de obras levava-nos para a abordagem do casamento; um outro indicava-nos uma via menos específica, mas que igualmente nos pareceu de considerar. Tratava-se de copiosas relações de mulheres que, pela excelência dos seus dotes e virtudes, vários autores consideraram dever seu imprimir na memória dos tempos.

E entre optar pela primeira hipótese ou preteri-la à segunda surgiu a idéia que seguimos: por que não auscultar a mentalidade da época nos manuais dedicados ao matrimônio e, depois, tentar completá-la nalgum dos autores que se alongaram nos elogios às qualidades, talentos e valentia da mulher portuguesa?

Entre os autores do primeiro grupo — tratadistas ou moralistas do casamento — a escolha não se revelou difícil. Dispúnhamos de quatro obras de outros tantos escritores que nos pareceram assaz representativos e cuja leitura sugere interessantes conclusões.

* Separata de A MULHER NA SOCIEDADE PORTUGUESA, Actas do Colóquio, Coimbra, 20 a 22 Março de 1985. A autora agradece a colaboração prestada pela Ex.^{ma} Sr.^a Dr.^a D. Maria Helena Brandão de Meneses de Freitas.

Começamos, numa ordem meramente cronológica, pelo Dr. João de Barros, homônimo daquele outro das **Décadas** da Ásia. De identificação ainda não totalmente esclarecida, ter-se-ia o Dr. João de Barros formado em Cânones em Salamanca. Membro do Desembargo do Paço de El-Rei D. João III, de quem chegou a ser escrivão de câmara, foi natural do Porto ou de Braga e sabe-se que ainda vivia no ano de 1553¹.

O **Espelho de Casados**, assim se chama o livro do Dr. João de Barros, que teria começado a ser escrito ainda em terra espanhola, acabando por ser publicado no Porto, em 1540.

É o primeiro trabalho conhecido em língua portuguesa inteiramente dedicado ao casamento, do qual se esforça por destacar as vantagens, numa intenção francamente apologética.

A segunda obra folheada foi o **Tempo de Agora** de Martim Afonso de Miranda, que foi editada em 2 volumes, entre os anos de 1622 e 1624, em Lisboa².

Tal como na anterior, o espírito moralista é tão evidente que não deixa dúvidas em relação ao intuito orientador. A sua originalidade, ainda que relativa, consiste em expor a doutrina sob a forma de diálogos travados entre quatro amigos, que firmemente arraigados a uma concepção fixista da realidade têm dificuldade em aceitar um "mundo mudado"

Porque não nos pareceu de grande interesse, preferimos-lhe a já enunciada e as duas que se seguem.

A terceira fonte fomos encontrá-la em Diogo de Paiva de Andrada que, curiosamente, tem também na sua ascendência uma ilustre homônimo³. O "nosso" Paiva de Andrada foi historiador, poeta e moralista, sendo esta faceta particularmente evidente na obra que de momento nos interessa — o **Casamento Perfeito** — cuja primeira edição saiu em Lisboa, em 1630.

D. Francisco Manuel de Melo fornece-nos o último livro que consultamos sobre este tema. Se a **Carta de Guia de Casados** aparece em derradeiro lugar, tal se deve à ordem de publicação. Não há dúvida de que, pela viveza das observações, pela justeza de muitos conceitos e pelo malicioso e sutil realismo presente em cada uma das suas páginas, pese embora o ceticismo pressentido ao longo da obra, a **Carta** ocupa, incontestavelmente, posição cimeira⁴.

¹ Esta é a conclusão a que se chega através da leitura das notas introdutórias da 2ª edição do **Espelho de Casados**, com data de 1874 e publicada, no Porto, por Tito de Noronha e António Cabral.

² Seguimos a edição saída da oficina de António Rodrigues Galhardo e publicada em Lisboa no ano de 1785, em cujo rosto se pode ler **Tempo de Agora**, em diálogos, dirigido ao ilustríssimo Senhor D. Teodósio, segundo do nome. Duque de Bragança, etc., pelo alferes Martim Afonso de Miranda, natural de Lisboa.

³ O outro Diogo Paiva de Andrada era natural de Coimbra e era tio do autor do **Casamento Perfeito**. Contemporâneo de D. João III e de D. Sebastião, foi orador fecundo e teólogo de nomeada, tendo representado Portugal no Concílio de Trento.

⁴ A 1ª edição data de 1651, ano seguinte à criação da obra. O título completo é o seguinte: **Carta de Guia de Casados, para que pelo caminho da prudência se acerte com a casa do descanso**.

Seria escusada qualquer notícia biográfica se a **Carta** não estivesse ligada a tristes circunstâncias da vida do seu autor.

De formação cultural muito espanhola, D. Francisco Manuel de Melo não foi totalmente aceite por alguns compatriotas seus no processo da Restauração. Porque a alguns poderá ter parecido suspeita a sua adesão aos ideais nacionais (já que havia servido os Filípes), ou por razões de outra índole ainda não esclarecidas, mas que estão ligadas a uma condenação por homicídio, D. Francisco Manuel esteve longamente retido na Torre de Porto Brandão, onde escreveu a **Carta de Guia de Casados** que dali datou: "Torre Velha, em 5 de Março de 1650"⁵.

No que se refere à bibliografia sobre as mulheres portuguesas que legaram o seu nome à posteridade, o leque de títulos era maior, pelo que a opção se tornou mais difícil. Tínhamos a **Descrição do Reino de Portugal** que dedica três capítulos à mulher e contém ainda interessantes notícias hagiográficas⁶.

Seguia-se o **Jardim de Portugal** impresso em Coimbra em 1626. Nele, conforme se lê no subtítulo, "se dá notícia de algumas santas e outras mulheres ilustres em virtude, as quais nasceram, viveram ou estão sepultadas neste reino e suas conquistas". É da autoria de Frei Luís dos Anjos, monge da ordem de Sto. Agostinho, que não pôde editar a sua obra por ter morrido, tendo-o feito em seu lugar Frei António da Purificação.

O **Hagiolónio Lusitano** de Jorge Cardoso, iniciado em 1652, expunha, a nossos olhos, as vidas e feitos miraculosos de muitas santas portuguesas. Consultamo-lo, mas não nos detivemos ali.

Damião de Frois Perin e Diogo Manuel Aires de Azevedo ofereciam-nos as duas últimas obras que nos foi dado folhear.

A do primeiro autor, bastante mais avantajada e intitulada **Teatro heroíno, abecedário histórico e catálogo das mulheres ilustres em armas, letras, acções heroicas e artes liberais** era de Lisboa Ocidental e teve a primeira edição em 1736.

Por não ultrapassar o âmbito estritamente nacional e por nos dar o tipo de informação que buscávamos, escolhemos como padrão de referência para o segundo ponto deste trabalho o **Portugal ilustrado pelo sexo feminino** no qual se fala das "muitas heroínas portuguesas que floresceram em virtudes, letras e armas" da autoria do acima mencionado Diogo Manuel Aires de Azevedo e que foi dado ao público, em Lisboa, no ano de 1734.

Voltemos, de novo, a nossa atenção para a literatura matrimonial.

Quer o Dr. João de Barros, quer Diogo de Paiva de Andrada quiseram das às suas obras um cunho didático-pragmático. Um e outro fixaram leis, reduzindo probabilidades e certezas, argumentando diretos a um fim — o de provar a excelência

⁵ Veja-se a página 184 da edição publicada em 1820 pela oficina T.C. Hansard, de Londres. Esta é a edição que citamos ao longo deste trabalho.

⁶ Duarte Nunes de Leão, **Descrição do Reino de Portugal**.

do casamento, que não consideravam apenas necessário para a existência da sociedade mas também meio eficaz para alcançar a santificação.

Lê-se em João de Barros, nas poucas linhas que antecedem o próêmio: "Espelho de Casados em o qual se disputa copiosamente quão excelente, proveitoso e necessário seja o casamento e se metem muitas sentenças, exemplos, avisos, doutrinas para ser casados e (...) os requisitos que há-se ter o casamento para ser em feição e serviço de Deus"⁷.

Diogo de Paiva de Andrada, por sua vez, afirma: "autorizou Deus com sua assistência o primeiro casamento que houve no mundo, para mostrar as perfeições e excelências daquele estado". Aliás, "não houve nunca nação tão bárbara, nem parte do mundo tão remota, que deixasse de conhecer o muito que deve ser estimado o estado do casamento"⁸.

Vemos, pois, ser intenção dos dois autores tecer loas ao casamento. Outra afinidade entre os dois escritores é a que deriva da sua erudição em que se estabelecem singulares sincretismos: filósofos pagãos corroborando profetas do Antigo Testamento e evangelistas, mitologia a par da história: a lenda irrompendo no discurso sério e, por vezes, timidamente, uma máxima colhida da sabedoria popular. Busquemos alguns exemplos:

*Dizia Marco Aurélio (...) que 36 anos fora solteiro que lhe pareceram dias e 6 que fora casado lhe pareceram 600.*⁹

*São Paulo diz: — Se és casado não deixes a mulher e se o não és, não a queiras, nem busques*¹⁰.

*Noícias temos dos afrontosos e depravados efeitos que costumam resultar da falta de amor. Veja-se como procederam Helena com Menelau, Clímnestra com Agamenon, Cleópatra com Petolomeu, (...) Messalina com Cláudio (...)*¹¹.

Na **Carta de Guia de Casados** as citações são poucas e, quando as há, provém da sabedoria popular; a linguagem é simples e o discurso singelo, mas incisivo. Sendo, incontestavelmente, o mais culto e talentoso destes três autores, em D. Francisco Manuel o que transparece é a vivência, apesar de ter sido um solteirão!

⁷ Conforme consta na primeira página, logo após a introdução na edição referida na nota (1).

⁸ Tomamos como referência a edição da Livraria Sá da Costa, saída em Lisboa em 1944, pag.1.

⁹ **Espelho de Casados**, edição citada, folha IV.

¹⁰ *Idem*, f. XV verso.

¹¹ **Casamento Perfeito**, pp.17 e 18.

*Não sou já mancebo. Criei-me em cortes; andei por esse mundo: atentava para as cousas; guardava-as na memória. Vi, li, ouvi. Estes serão os textos, estes os livros que citarei (...) neste papel (...)*¹²

Contudo, uma marca comum aproxima obras tão distantes no estilo e na concepção, que não no tempo, pois Diogo de Paiva de Andrada e D. Francisco Manuel foram contemporâneos, e este até escreveu um soneto laudatário ao "claríssimo Diogo" e à sua "doutrina sempre clara". Tal marca provirá do meio em que ambos os autores se moviam e ainda dos conceitos e preconceitos recebidos desde a mais tenra infância.

No **Casamento Perfeito** nota-se que os conselhos ali reunidos se dirigem, de preferência, às classes mais favorecidas:

*Convém que esteja a balança da nobreza em tão igual ponto, que não possa pender para alguma das partes; porque se pende para a da mulher, logo lhe acende a desconfiança; se para a do marido, logo lhe acende o sofrimento (...). Qualquer casado que sendo de geração ilustre, há-se sofrer a condição desordenada de uma mulher de sangue humilde (...). E quando elas excedem os maridos na qualidade, ainda é maior esse perigo*¹³.

Em D. Francisco Manuel de Melo encontramos o mesmo pendor classista. **A Carta de Guia de Casados** é dirigida a um seu primo, D. Francisco de Melo, homem de nobre linhagem, alcaide-mor de Lamego. Nela, um avisado e experiente aristocrata tenta advertir um jovem de condição social idêntica dos perigos e ciladas do matrimônio. E mais, esforça-se por ensinar a mulher a comportar-se em sociedade e sobretudo a cuidar da sua casa, família e marido.

A mulher de que fala D. Francisco Manuel não é a mulher comum, rude, inculta e simples. Se se refere a criadas, bordadeiras, costureiras, negras, adelas, lavadeiras, ramalleteiras e outras é para advertir contra o perigo que elas podem constituir portas adentro. Avisando o futuro marido das alcovitices deste inúmero pessoal (próprio da casa nobre) e do perigo que ele representa para a harmonia familiar, o autor chama a atenção para um outro mal... o das mulheres letradas. Citemo-lo, para melhor o entender-mos: "Aquela agilidade no perceber e discorrer, em que nos fazem vantagens, é necessário temperá-la com grande cautela"¹⁴. "Ó, como folgo de ver uma mulher ignorar aquilo que não havia de saber!"¹⁵.

¹² **Carta de Guia de Casados**, edição referida, p.3.

¹³ **Casamento Perfeito**, p.5.

¹⁴ **Carta de Guia de Casados**, p.74.

¹⁵ *Idem*, p.76.

"Deus me guarde da mula que faz him, e da mulher que sabe Latim", pois "o ponto está em que o Latim não é o que dana; mas o que consigo traz de outros saberetes envolto aquele saber"¹⁶.

*Enfadam-se umas que se metem em eleições de Governo, julgar de brigas, praticar desafios, mover demandas. Outras que se prezam de entender versos, abocanham em línguas alheias, tratam questões de amor, e fineza, decoram perguntas para gentes discretas, trazem memorial de motes dificultosos*¹⁷.

Interessa antes a D. Francisco Manuel "deixar cevar as mulheres nas suas curiosidades femeais", pois "se se enfrascam nos negócios caseiros [fazer doces e compostas, conservas, etc.] não lhe lembram outras e este é louvável"¹⁸.

No mesmo intuito — o de prender a mulher à casa — D. Francisco Manuel adverte contra as amizades femininas e lembra que "aos homens perdem seus inimigos, e às mulheres suas amigas"¹⁹.

E o ideal da mulher caseira vai-se concretizando com os conselhos sobre economia doméstica: "dissera eu que à mulher se entregasse uma tal porção de dinheiro, que pouco excedesse o gasto quotidiano. Não por exercitar com ela alguma avareza; porém porque tenho por sem dúvida não convém às mulheres demasiado cabedal. Costumam gastar sem ordem aquelas que sem ordem o recebem"²⁰.

A mulher, segundo este modelo, tem também que ter peso, conta e medida no falar e no rir: "Fale a mulher discreta o necessário, brando, a tempo, com tom que baste para ser ouvida da pessoa a quem fala e não dos outros; pois falar sempre, é mau; rijo é malíssimo; e em lugares indecentes pior que tudo"²¹.

Ora do riso, o que diremos? Pois se elas têm bons dentes e aquilo a que chamam graça na boca e cova na face, aí lhe digo que se está em perigo. Há mulher destas que rirá todo o sermão da Paixão como se fosse o dia da Páscoa, somente para assoalhar aquele seu tesouro. Não disse Platão nem Séneca coisa melhor, que disseram as nossas velhas: muito riso, pouco siso

¹⁶ Idem, ibidem.

¹⁷ Idem, p.78.

¹⁸ Idem, p.62.

¹⁹ Idem, p.66.

²⁰ Idem, p.57.

²¹ Idem, p.79.

(...). *Alegre-se e ria-se em sua casa, à sua mesa; na conversação de seu marido, filhos e familiares; deixe o riso em casa quando for fora*²².

Até aqui falou-se do comportamento da mulher no viver cotidiano. Mas há que atender à sua apresentação, ao que veste, que deve estar de acordo com a sua idade, condição, ausência ou presença do marido e número de filhos: "Até aos três filhos e até aos 25 anos se permite toda a gala, (...) e isto com as suas crescentes e minguantes"²³.

"Aparelhada" a mulher segundo estas conveniências, há que ter cautela com as saídas, e entre elas com as idas à Igreja ou então com as excessivas devoções. A D. Francisco Manuel não agrada nada a beataria: "A reformação dos costumes é cousa boníssima e santíssima. Tem porém nas casadas seus limites de maneira que, por se darem de todo aqueles bons exercícios, não desapareçam os da obrigação do seu estado"²⁴.

Face aos excertos que temos vindo a reunir podemos afirmar existem em D. Francisco Manuel traços mais ou menos marcados de um certo pendor antifeminista, ainda que se não possa alinhar (felizmente) ao lado dos que, convictos, escreviam: "A mulher é o mais monstruoso animal de toda a Criação, de mau feito e pior linguagem. Ter este animal em casa é o mesmo que procurar complicações sob a forma de mexericos, tagarelices, bisbilhotice maliciosa e controversia; porque sempre que uma mulher está presente, parece impossível paz e tranqüilidade"²⁵.

Aliás, esta tendência não surge, esporádica, em D. Francisco Manuel. Historiadores conceituados como Charles R. Boxer afirmam mesmo que a marca antifeminista é típica da cultura ibérica, ainda que não exclusiva da nossa península²⁶, e por vezes atinge as raízes da misoginia, sendo partilhada por ilustres homens de letras como Juan Luís Vives, autor da **Instruccion de la mujer cristiana**, doutos teólogos e figuras gradadas da Igreja. É o caso de Fr. Francisco Vitória, que não hesita em afirmar: "A mulher não tem conhecimentos intelectuais, nem interessa que os tenha. Por consequência não pode discernir em coisas do espírito. E seria perigoso confiar a saúde

²² Idem, pp.80 e 81.

²³ Idem, p. 59.

²⁴ Idem, p.84.

²⁵ Casimiro Dias, **Párocho dos Índios instruído**, Manila, 1745 - citado por C.R. Boxer, in **A mulher na expansão ultramarina ibérica**, Livros Horizonte, Lisboa, 1977, p.121.

²⁶ "Não duvido de que Deus e a Natureza nos atiraram para um plano inferior. Somos a parte inferior da Criação; devemos obediência e submissão ao sexo forte." Carta de Lady Montagu ao Bispo Gilbert Burnet, de 20-7-1710, citada por C.R. Boxer na obra acima referida, p.123.

mental das almas a uma pessoa incapaz de distinguir o que é bom e o que é mau para elas"²⁷.

Houve também uma corrente pró-feminista do pensamento masculino, mas tal como nota Charles R. Boxer, "estava longe de ter a influência contrária. O que talvez se explique, em parte, pela tendência dos seus representantes para apontarem o exemplo dos modelos clássicos, gregos e romanos, negligenciando as mulheres do seu próprio tempo"²⁸. Entre os autores mais complacentes para com a mulher Boxer refere Diogo de Paiva de Andrada, mas este, conforme já vimos e poderemos confirmar mais adiante, não deixa de apontar os muitos defeitos que encontra na mulher e, quando a louva, nunca o faz aberta e claramente, antes vai deixando perceber um certo sentimento de condescendência...

Temos assim que o tom empregado por D. Francisco Manuel no seu famoso **Guia** não desafina do conjunto, no que à mulher se refere. Aliás, outra coisa não era de esperar do espírito superiormente culto e profundamente crítico deste autor.

Algo de semelhante, ainda que de modo sutil, se passa com o Dr. João de Barros.

Na primeira parte da sua obra indica as razões porque se não há de o homem se casar. "O casado sempre anda em perigo com sua mulher: (...) se é muy formosa corre risco por ser desejada (...) ainda que virtuosa pode desfalecer; se for feia (...) pode viver contrariado"²⁹. Por isso há que encontrar compensações, pelo que "foi ordenado que as mulheres levassem dote para seus maridos, e ainda assim são más de suportar"³⁰. E continua: "Quando Deus fez o homem não fez logo a mulher, mas ficou por derradeiro, com as outras cousas mais baixas. Alguns dizem que Deus fez na mulher o rosto e tudo aprazível, mas que a cabeça a mandou fazer a outrem"³¹. As descendentes de Eva são "crendeiças; praguejadoras; opiniáticas; soberbas; enganosas; arma do diabo; cabeça de pecado; destruição do Paraíso"³².

Mesmo na contra-argumentação vamos encontrar uma marca nitidamente limitativa da atividade da mulher: "Convem à mulher para ajudar seu marido... guardar tudo; mandar consertar tudo (o que é da casa); ter o comer e mesa prontos para o

²⁷ Charles R. Boxer, *Idem*, p.124.

²⁸ *Id.*, p.126.

²⁹ **Espelho de Casados**, fol. II.

³⁰ *Id.*, fol. II verso.

³¹ *Id.*, fol. VI.

³² *Id.*, fol. VII.

marido; lavar-lhe os pés e a cabeça (como mandam os teólogos)"³³. "E que convem ao marido? Negociar, tratar, ganhar, defender, demandar e outras coisas"³⁴.

Reconhece o Dr. João de Barros que "muitas mulheres houve e há que sabem mais que seus maridos (...) e há homens tão desmanchados e gastadores que suas mulheres os governam"³⁵. Um tal fenômeno é explicado pelo grande S. Agostinho que dizia que muitas vezes "se revela ao menor o que se encobre ao maior e que ele folgava de aprender de um moço pequenino. E assim algumas podem saber mais que seus maridos"³⁶.

Temos, pois, a mulher numa posição igual à do homem, não pelo fato de isso lhe ser naturalmente reconhecido, mas por defeito do marido que não possui as qualidades que deveria ter e que são inerentes à superior condição de homem. Continuava-se a considerar a mulher numa perspectiva de indulgência. A mulher é o que o homem deixa que ela seja. É em parte por isso que D. Francisco Manuel é de opinião que o homem que casa com mulher de pouca idade leva já grande vantagem, pois nos "tenros anos não há ruim costume" e o marido poderá vergar a jovem esposa mais a gosto...

No **Casamento Perfeito** Diogo de Paiva de Andrada bem se esforça por afirmar a santidade do casamento, tentando demonstrar a superioridade desta instituição: "É o matrimônio um contrato de duas vontades ligadas com o amor que Deus lhe comunico, justificadas com a graça que lhe deu Cristo e autorizadas com as cerimônias que lhe ajuntou a Igreja Católica"³⁷.

A esta concepção cristã do matrimônio sobrepõe-se, por vezes, a concepção clássica do amor virtuoso, do qual devia estar ausente a paixão. Do conjunto, porém, o que resulta é uma doutrina idealista, normas e regras de tal forma afastadas das realidades do casal humano que acabam por pouco nos dizer. Contudo, a necessidade de vigiar e controlar a mulher, de fiscalizar as suas ações (na impossibilidade de censurar os seus pensamentos), de a manter numa atitude de subserviência estão sempre presentes. Eis alguns exemplos: "Nunca convém ao homem prudente dar a sua mulher liberdades demasiadas"³⁸.

Caso a mulher seja mais rica e se não houver grande prudência da parte dela "na mesma hora se ensoberbece com a vantagem que na fazenda faz a seu marido, e quer possuir governar tudo, sem respeito algum ao grau de preeminência e

³³ Id, fol XXV.

³⁴ Id, fol. XXV.

³⁵ Id, fol XXV.

³⁶ Id, fol XXXVI verso.

³⁷ **Casamento Perfeito**, p.2.

³⁸ Id, p.54.

superioridade, que Deus e as lei puseram nele"³⁹. E reforça-se a idéia com uma máxima de Petrarca: "As riquezas das mulheres casadas são o estímulo da sua soberba"⁴⁰.

Há de fugir das mulheres belas, pois "cabeça formosa não tem miolo"⁴¹. E que dizer das madrastas? Diogo de Paiva de Andrada invectiva-as socorrendo-se dos clássicos cuja companhia busca, a torto e a direito. São terríveis, segundo Ovídio; injustas, na opinião de Vergílio; cruéis, como diz Tácito; peçonhentas como víboras, afirma Eurípedes⁴².

Em contrapartida elogia-se a devoção pública da mulher e até se lha recomenda de acordo com este raciocínio tão simplista: "Se uma casada sair muitas vezes de casa só, para a Igreja a se confessar, e comungar e exercitar devoções, mais depressa se hão-de desviar dela os armadores e vadios"⁴³. Vá-se à igreja, "mas que as exercitações não sejam em tempo, nem a horas que causem moléstia ao marido"⁴⁴.

Nisto de idas à Igreja D. Francisco Manuel é muito mais discreto: "Ouça [a mulher] a missa no seu oratório à semana; e se ao domingo quiser ir à igreja, é bem louvável. Vá, e não às de maior concurso. Os dias de festa será conveniente acompanhar-se da parenta e da amiga: ir cedo; e não entrar na casa de Deus com o mesmo estrondo que se entrara em uma batalha, destroçando e atropelando o povo, que se queixa e as murmura". Remata, com a ironia habitual: "Esta é manha de algumas senhoras, e não por certo boa manha"⁴⁵.

Mais um pequeno remoque a lembrar que a mulher não é "bicho" em que se confie...

Paiva de Andrada, no afã de manter a mulher ocupada, porque a ociosidade é mãe de todos os vícios, vai socorrer-se de algumas santas. Traz agora Santa Brígida "a mais perfeita casada que houve em seu tempo, que sempre fugiu de estar ociosa, por não ser tentada dos demônios, não cessando de trabalhar com as mãos em ocupações honestas e santas"⁴⁶.

Mas, vamos lá, lembra "às ricas e servidas que não faltam outras ocupações (...) como ler livros devotos, que não os de histórias amorosas e lascivas"⁴⁷.

³⁹ Id, p.66.

⁴⁰ Id, p.66.

⁴¹ Id, p.85

⁴² Id, p.104.

⁴³ Id, p.140.

⁴⁴ Id, p.146.

⁴⁵ **Guia de Guia de Casados**, pp.88 e 89.

⁴⁶ **Casamento Perfeito**, p.155.

⁴⁷ Id, p.156.

Podem ainda as mulheres, caso os maridos gostem, andar bem compostas, enfeitadas mas com descrição, segundo as posses e condições de idade, de tempo e de casadas. No entanto, nada de "pinturas, tintas e posturas"⁴⁸. Mais uma passagem que nos recorda D. Francisco Manuel, mas agora ambos os autores estão de acordo, desta feita em vestir a mulher segundo a vontade sempre presente do marido.

Recomenda Paiva de Andrada que a mulher fale pouco e moderadamente já que "o falar é pouco ornamento para a mulher"⁴⁹. Além disso a mulher, se estiver calada, evita dar resposta tortas ao marido. E será que o marido tem que agir da mesma forma? Não, deixem os maridos errar os termos e modos de linguagem pois "das mulheres boas é sofrerem tudo"⁵⁰.

Tendo em vista a perfeição do matrimônio e a ulterior salvação das almas, e concedendo à mulher uma certa abertura para ir afirmando a sua personalidade, Paiva de Andrada enferma ainda de muitos preconceitos antifeministas.

Também nele, talvez menos do que nos outros autores, é certo, a mulher deve continuar a submeter-se ao homem, e de modo particular ao marido. A vida da mulher é assim organizada nesse sentido — a sua atuação, dentro e fora do lar, é controlada, medida, aferida pelo que pensa e quer o marido. Contudo a mulher, se bem que fraca, "cabeça doida" (mais se for formosa), inferior ao homem na escala da criação é que deve ser a principal obreira da felicidade e santidade conjugal. Por isso ela deve ser prudente, casta, humilde, odebiente, modesta, sofredora...

Estas são também algumas das virtudes que glorificaram as santas que Manuel Alves de Azevedo elogia no **Portugal Ilustrado pelo Sexo Feminino**. Através desta obra, tão diferente das anteriores na sua estrutura, encontramos, afinal, conceitos semelhantes, de modo particular na primeira parte — a hagiografia. No longo rol de santas e virtuosas mulheres admira-se, sobretudo, a mulher que se nega a si mesma, se imola pela pureza e asperamente se penitencia.

Apontam-se como exemplos a seguir as que praticavam jejuns rigorosos — pão e água um, dois ou vários dias da semana durante todo o ano, com particular rigor no tempo do Advento, Quaresma e vésperas de festas solenes⁵¹. Algumas dormiam sobre tábuas sem colchão tendo por almofada uma pedra, usavam cilício perpétuo⁵², flagelavam-se ou traziam grossas cadeias de ferro bem apertadas sobre a pele, a ponto

⁴⁸ Id, pp.163 e 164.

⁴⁹ Id, p.167.

⁵⁰ Id, p.172.

⁵¹ Manuel Aires de Azevedo, **Portugal Ilustrado pelo Sexo Feminino**, Oficina de Pedro Ferreira, Lisboa, 1734, pp.15 e 16.

⁵² Id, p.12.

de provocarem feridas e desmaios⁵³. Louvam-se aquelas que possuindo no mundo condição e fortuna se foram enclausurar por trás de grades conventuais⁵⁴.

Esta é, aliás, uma questão controversa pois, como sabemos, conventos e mosteiros não são forçosamente sinónimo de reclusão e sacrifício. Muitos são os relatos pouco edificantes da vida dupla que, por vezes, se levava à sombra conventual⁵⁵. Por outro lado os mosteiros e conventos eram também usados como abrigo temporário de damas casadas cujos maridos se ausentavam para a guerra ou para o ultramar. Sobre este costume escreve D. Francisco Manuel: "Mosteiros, recolhimentos e outros resguardos semelhantes em que os homens depositam suas mulheres, não deixam de ser arriscados; e de certo, quando a ocasião não seja muito urgente, é usar com as mulheres ruim lei, e faltar-lhes com a fé e companhia devida; porque se cada uma de aquelas quisesa ser freira, bem escusara de se casar"⁵⁶.

No que diz respeito à pureza, desgostam à sensibilidade alguns dos casos relatados. A franciscana Domingas da Conceição que padecia de cancro num seio "que lhe ia roendo as carnes" sofreu silenciosamente esse tormento, não deixando que lhe acudissem a tempo, só para que os cirurgiões não tivessem ocasião de lhe ver o corpo. Elogiaram as freiras, suas companheiras, a honestidade desta atitude. O mesmo fez Aires de Azevedo, que chama a atenção das suas leitoras para a modéstia desta pobre franciscana, seu pudor e espírito de sacrifício⁵⁷.

De forma semelhante padeceu Maria Vaz de Santarém que se deixou morrer de um "terrível carbúnculo que lhe nascera em um sítio por não ter querido pôr à vista do cirurgião aquela parte do seu corpo"⁵⁸.

Outro caso é o de Dona Úrsula Josefa Pereira, franciscana da ordem terceira, jovem filha de um muito fidalgo casal, que, à conta de jejuns, penitências e vigílias que fez, morreu em poucos dias "de uma febre ética, em mortais ânsias"⁵⁹.

Um último exemplo (retirado de entre tantos) é o de Constância de Sousa que "foi tão pura que antes quis sofrer a morte que macular a sua honestidade, porque desenganando-a os médicos de que não poderia ter saúde sem ofender a sua virgindade,

⁵³ Id, pp. 37 e 38.

⁵⁴ Id, pp. 31, 34, 43, 46 e 56.

⁵⁵ Veja-se por exemplo, **Portugal de D. João V visto por três forasteiros**, Lisboa, Biblioteca Nacional 1983.

⁵⁶ **Carta da Guia de Casados**, pp. 151 e 152.

⁵⁷ **Portugal Ilustrado pelo Sexo Feminino**, pp. 30 e 31.

⁵⁸ Id, p.67.

⁵⁹ Id, p. 35.

respondeu com resolução que maior gozo fazia em morrer pura que virgem manchada"⁶⁰.

Resulta daqui que a pureza seja apontada como caminho da salvação. Esta marca é, aliás, visível ao longo de toda a obra, em que a virgindade e a castidade são aceites como grandes virtudes femininas, quiçá, as maiores de todas.

Nesta mesma concepção se entronca a repulsa que toda a sociedade da época sentia pela adúltera. Enquanto que a virgem se consagrava a Deus e a mulher solteira devia permanecer imaculada, a mulher casada devia consagrar-se ao marido, aos filhos e à casa. É neste sentido que devemos compreender as palavras do Dr. João de Barros que diz que o adultério da mulher fere muito mais o marido que o ter conhecimento do desfloramento de uma filha, da morte de todos os filhos, da perda de todos os bens ou de que ele próprio se encontrar mortalmente ferido"⁶¹.

A virgem é tão digna de louvor, quanto a adúltera não tem perdão.

Algo de muito diferente, porém, se passava com o adultério masculino. Juan Luis Vives, o ilustre humanista espanhol que anteriormente referimos, explica esta dualidade de critérios. Segundo ele o homem está mais sujeito ao adultério, pois leva uma vida muito ativa e tem de guardar muitos valores; a mulher, que deve ficar em casa, pois o seu lugar é nela, já só tem que guardar a castidade"⁶².

Na segunda parte do seu livro Aires de Azevedo refere-se às heroínas que floresceram nas letras.

Vinham estas damas esclarecidas, na sua quase totalidade, de uma posição social elevada. Pertenciam algumas das mais ilustres à corte de D. Manuel, na qual a muito culta e bela Infanta D. Maria fundou uma academia, formada por "muitas senhoras e várias mulheres sábias"⁶³.

Ora, entre as "habilidades" estudadas por essa elite cultural figuram as línguas mortas (latim, sobretudo, e grego), as vivas (francês, italiano, castelhano, inglês), filosofia, matemática e aritmética, astronomia, arquitetura. Referem-se outras prendas mais conformes com a bagagem tradicional: pintura, bordados, música.

Era também muito apreciada a "capacidade de falar com acerto e propriedade, o saber de cor, para trás e para diante, autores clássicos, religiosos e quejandos"⁶⁴.

Tais dons, no entanto, muito desagradavam a homens da época como aqueles autores de que temos falado, de modo particular D. Francisco Manuel que dizia "para a mulher o melhor livro é a almofada e o bastidor"⁶⁵.

⁶⁰ Id, p.65.

⁶¹ **Espelho de Casados.**

⁶² Citado por C.R. Boxer, ob. cit., p.138.

⁶³ **Portugal Ilustrado pelo Sexo Feminino.** pp. 69 e 70.

⁶⁴ **Carta de Guia de Casados.** p.71.

⁶⁵ **Carta de Guia de Casados.** p.81.

Dissemos que muitas destas intelectuais pertenciam à nobreza e ao clero, ou simultaneamente a ambos. Mas outras eram plebéias. Dessas devemos indicar o nome de Joana Micaela, natural de Guimarães, que aprendeu quatro línguas e ainda o chinês (que se lastimava de lhe ser de pouco uso)⁶⁶, e Agostinha Barbosa da Silva, perita em matemática e que, sob o pseudônimo de Pedro Albernoz, escreveu um opúsculo de aritmética editado em Castela⁶⁷.

Era, pois, a erudição própria de certos ambientes da época. O uso do latim, o interesse pela ciências filosófico-teológicas, pela arquitetura, pela música, pela história, pela astronomia e astrologia revelam um sincretismo da herança cultural medieva com os dilatados horizontes renascentistas e pré-iluministas. Porém, o calor de um tal saber aquecia um número assaz reduzido de donzelas, damas e donas.

E as outras, as mulheres do povo? Aquelas que referimos foram a excessão a confirmar a regra. A estas um outro campo se oferece — o das armas.

Um número considerável de mulheres que se distinguiram pela bravura e coragem, no combate contra o inimigo comum ou em defesa dos que lhes atacavam os entes amados, a honra e os bens pertence aos estratos mais baixos.

Assim aconteceu no Norte de África, em Safim, por exemplo, onde as mulheres mais de uma vez rechaçaram o mouro traiçoeiro. Duma feita, naquela praça e "depondo a fraqueza do sexo, revestiram-se de um varonil ânimo que tendo o inimigo desamparado o campo, o foram buscar e desafiar estas Belonas"⁶⁸.

Da oriental Diu, que resitiu a dois cercos devastadores recordam-se, entre várias, Ana e Bárbara Fernandes e as valentes mulheres da companhia capitaneada por Isabel Madeira. "Estas de tal sorte se houveram neste memorável 2º cerco (...) que a elas se deveu o não ser rendida aquela fortaleza"⁶⁹.

De referir, entre as largas dezenas de mulheres de "armas", são ainda aquelas decididas filhas do povo que, na hora da restauração se mantiveram, Portugal fora, a favor de D. João IV^o:

*No bairro de Alfama mostrou grande valor Bernarda Soares (...).
Congregan ~ com outras, e todas armadas em tom de guerra, vieram do
Terreiro do Paço a oferecer-se (...) para matar os castelhanos⁷⁰.*

⁶⁶ Carta de Guia de Casados, p.81.

⁶⁷ Id, pp. 81 e 82.

⁶⁸ Id, p. 118.

⁶⁹ Id, p.125.

⁷⁰ Id, p.70.

Em Coimbra foi vista, (...) com uma espada na mão, Quitéria Borges ameaçando de morte os que não reconhecessem por verdadeiro senhor o Rei de Portugal ao sereníssimo duque de Bragança⁷¹.

Custódia Sanches (...) do Algarve dava com muita graça os pêsamos a todos os castelhanos que encontrava. Alguns deles levando a mal a galanteria ententaram maltratá-la [e ela] com um bastão tratou de se vingar⁷².

Muitos seriam ainda os casos a referir, mas o tempo, ou melhor, a medida que o homem se fez do tempo, impede-nos de prosseguir. Concluamos, pois.

Apesar da incontestável supremacia do homem sobre a mulher e por ela sentida e consentida (leia-se um pouco mais a carta de Lady Montagu, de Julho de 1710: "Qualquer mulher, ao permitir que a sua vaidade e insensatez desmintam a sua inferioridade face ao homem rebela-se contra a Lei do Criador e a ordem incontestável da Natureza"⁷³), a presença feminina está assinalada, no nosso país, nas várias áreas da cultura e da atividade humanas entre os séculos XVI e XVIII.

São todavia escassas as informações que temos. Estamos hoje em situação privilegiada para conhecer mais fundo e melhor o que, nas épocas passadas, se pensava da mulher, e descobrir o verdadeiro papel que ela tem vindo a desempenhar nas sociedades ao longo dos tempos. A realidade deste Colóquio bem o prova. Assim queiramos tirar proveito de uma das maiores "revoluções" que a história sofreu no nosso século, voltando-nos também decididamente para a História das "mulheres sem história".